

Comunidade que sustenta a agricultura (CSA): uma experiência que acontece em Santa Maria, RS

Community supported agriculture (CSA): an experience that happen in Santa Maria, RS.

ROMEIRO, Jéssica B.¹, GUIMARÃES, Gisele M.²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) jbitrom@hotmail.com, gisele.guimaraes@ufsm.br

Eixo temático 6: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um sistema participativo, exemplo de economia solidária, onde a comunidade (consumidores/co-agricultores) financia a produção agroecológica (agricultores), estabelecendo laços de confiança entre produtores e consumidores. O objetivo principal desta organização é a valorização da produção local e o consumo consciente de alimentos, além da soberania alimentar e consequentemente sustentabilidade. Este trabalho apresenta a experiência que acontece no município de Santa Maria na região central do Rio Grande do Sul, é parte da dissertação no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Embasado nas percepções da autora, pretende mostrar como as ações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos ancoram-se nos princípios da Agroecologia, contribuindo para o desenvolvimento da agricultura familiar a partir de aspectos que vão além do valor econômico, incorporando questões sociais, alimentares, ambientais.

Palavras-Chave: Sustentabilidade; Sistema agroalimentar; Consumo consciente.

Keywords: Sustainability; Agrifood system; Conscious consumption

Introdução

A Agricultura Familiar desempenha um papel importante na economia mundial, dados da FAO apontam que em 2014 o número de agricultores familiares correspondia a 570 milhões de pessoas, produzindo 80% dos alimentos do mundo (ONU, 2021). No Brasil o último registro divulgado pelo Censo Agropecuário (IBGE, 2017), relata que 77% dos estabelecimentos rurais foram classificados como sendo de Agricultura Familiar. Segundo o Censo a Agricultura Familiar é responsável por 23% do valor da produção e ocupa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários.

O perfil dos consumidores vem mudando, aumentando as preocupações sobre impactos ambientais e sociais negativos, efeito do sistema alimentar agroindustrial. Esse comportamento leva a um movimento oposto ao capitalismo promovendo sistemas alimentares alternativos, com circuitos curtos de comercialização entre produtores e consumidores (COHEN, 2007). Segundo Schneider (2016) mercados fazem parte de processos sociais de produção e reprodução das atividades econômicas, e como fator social apresenta caráter coletivo e coercitivo que influencia atitudes, valores e ação dos indivíduos. Nesse sentido, em busca por inserção no mercado consumidor, geração de renda, melhoria na qualidade de vida, sucessão familiar agricultores familiares estão em busca de inovações e adoções de práticas

que proporcionem melhor uso de recursos naturais e produção mais sustentável, como aponta o estudo de Bittencourt (2020).

A Comunidade que Sustenta Agricultura (CSA) é uma alternativa bastante promissora para enfrentamento dos desafios para pequenos agricultores e agricultores familiares. Tendo início no Japão em meados dos anos 70, as CSAs se espalharam pelo mundo chegando ao Brasil em 2011 (CSA BRASIL, 2015). Constituídas por grupos de agricultores que desenvolvem práticas de sistema agroecológico e orgânico de produção, as CSAs possuem em sua essência os princípios de comercialização direta, valorização da agricultura, consumo consciente e construção de elos entre produtores (agricultores) e consumidores (co-agricultores). De acordo com Melo et al. (2020) apesar das distinções quanto a gestão das CSAs, se conectam por meio de pressupostos, diferenciam as relações de vendas habituais, agregando sentido solidário e participativo no processo de comercialização. Através de um financiamento mensal, as famílias de consumidores recebem semanalmente cestas com produtos de acordo com o que a estação do ano e as condições climáticas oferecem. Os sujeitos co-agricultores assumem o compromisso de receber uma grande quantidade de produtos diversificados em uma semana (benefícios), mas também assumem os riscos de na outra semana não receber quantidade e diversidade (riscos).

Neste contexto o presente trabalho relata a experiência da CSA *FlorESer/Guandú*, e como está se construindo como uma alternativa para quem produz o alimento e quem consome, estabelecendo uma relação de confiança, valorizando o rural, incentivando a produção de alimentos de base agroecológica e fortalecendo a Agroecologia. O acompanhamento desta experiência aconteceu de agosto de 2020 até a presente data (01.11.21), com o objetivo de entender as percepções dos sujeitos que compõe esta rede de comercialização e consumo alternativa, além de compreender os processos necessários para a constituição de uma CSA.

Descrição da Experiência: CSA FlorESer/Guandú

O presente trabalho trará considerações sobre a experiência da CSA que acontece em Santa Maria, considerando as observações diárias da autora nas dinâmicas do grupo de agricultores e co-agricultores. Estando inserida no grupo desde agosto de 2020, foi possível acompanhar discussões importantes sobre a organização das atividades, distribuição de tarefas, percepções sobre a comunicação dos atores envolvidos na rede e diferentes aspectos que estão descritos ao longo deste texto. Os acompanhamentos de observação aconteceram através do grupo de Whatsapp e participação de reuniões virtuais via Google Meet.

No município de Santa Maria, acontece há 28 anos todos os sábados, das 7hs às 13hs o Feirão Colonial do Projeto Esperança/Cooesperança, uma feira de Economia Solidária, localizada próximo a Basílica Nossa Senhora Medianeira. Neste local comercializam produtos provenientes de agricultura familiar e pequenos agricultores, agroindústria e diversos tipos de empreendimentos de Economia Solidária, onde está inserido o grupo *FlorESer Agroecológico* que possui uma parcela de consumidores fiéis e todo o sábado recebe novos adeptos ao consumo de produtos agroecológicos.

Conversando com parte dos consumidores que compram os produtos com frequência, observou-se a oportunidade de estabelecer uma experiência de CSA, então um grupo de consumidores levou esta proposta para o grupo de produtores que se interessou fortemente em participar desta rede de comercialização.

Em maio de 2020 como resultado de um conjunto de discussões em torno dos desafios para segurança alimentar no município. A construção da rede de comercialização tomou corpo no período de pandemia da Covid-19 quando então surgiu a *CSA Guandú/FlorESer*, atualmente conhecida como *CSA FlorESer/Guandú*. O grupo *FlorESer Agroecológico* é do município de Paraíso do Sul, atualmente composto por 5 famílias de agricultores que produzem para a CSA e o grupo *Guandú*, formado por 3 famílias de assentados, agricultores do assentamento Carlos Mariguella do município de Santa Maria.

O *Grupo Guandú Agroecológico* tem certificação de produção orgânica via Organização de Controle Social (OCS), enquanto os agricultores do *Grupo FlorESer Agroecológico* produzem seus alimentos com práticas de base agroecológicas e está em busca da certificação. As famílias de co-agricultores são diversificadas em suas composições estruturais, de diferentes profissões, mas muitos ligados à área da educação (professores, estudantes, servidores públicos).

Atualmente são 19 famílias urbanas de consumidores (co-agricultores), mas o grupo tem capacidade de atender até 25 famílias. Os alimentos oferecidos são hortaliças, grãos, plantas alimentícias não convencionais (PANCs) de acordo com a época de produção e disponibilidade, pois além da época dependem de fatores ambientais e climáticos para produzir os alimentos. O valor de R\$110,00 mensais é pago pelos co-agricultores aos agricultores subsidiando desta forma os alimentos que compõe as cestas entregue por quatro sábados no Feirão Colonial. O valor altera conforme o número de semanas do mês, quando o mês é composto por cinco sábados o valor pago é de R\$135,00.

A gestão do grupo é feita por todos, a comunicação devido a situação de pandemia por Covid-19 acontece virtualmente, através de um grupo de Whatsapp e encontros via plataforma google meet. A gestão engloba: responsabilidade de organizar a escala de distribuição e entrega das cestas, estabelecer um encarregado para receber e sistematizar os comprovantes de depósito bancário, um dos membros propõe uma reunião de pelo menos uma vez no mês com o objetivo de debater sobre pautas que considerem necessárias à organização do grupo, ou reflexões para modificações nas práticas que possam agregar no desenvolvimento da rede, além de servir para apresentar o grupo para novos integrantes quando há novo integrante. As decisões para qualquer situação são sempre compartilhada entre o grupo, conta com a maioria dos votos favoráveis para que seja tomada alguma decisão.

Entre os co-agricultores existe uma escala de entregas, organizadas pelo grupo de Whatsapp ou debatidas na reunião online. A pessoa encarregada da entrega da cesta no sábado, deve ir ao encontro dos agricultores do *Grupo Guandú Agroecológico*, no Assentamento Carlos Marighela/ Santa Maria, para buscar os alimentos e somar aos

do *Grupo Floreser Agroecológico*, cujos agricultores que comercializam no espaço do Feirão Colonial já organizam os alimentos para a entrega. Os co-agricultores devem assumir o compromisso de ir retirar a sua cesta levando uma sacola de pano, caixa de madeira, cestas ou recipiente para pegar os produtos, excluindo o uso de sacolas plásticas ou derivados. Durante a pandemia de Covid-19, famílias cujo(s) integrante(s) pertenciam a grupos de riscos não estavam indo retirar a cesta, tinham o recebimento em casa, feita normalmente por quem estava responsável pela entrega, ou organizada por famílias que moram próximas umas das outras. No cenário atual todos os atores já estão completamente imunizados contra a Covid-19, estando aptos a retirar seus alimentos no local de encontro. O fato da imunização coletiva estar completa, não impede que continuem com dinâmicas de entrega em casa entre os co-agricultores.

Por ser uma formação recente de Comunidade que Sustenta Agricultura, existem muitos pontos organizacionais que estão se aperfeiçoando conforme vão surgindo necessidades, como por exemplo a sistematização dos pagamentos, a organização de regras de convivência, entre outros. Portanto, cada dia que passa, cada encontro, cada debate, surgem novas possibilidades e observações dentro desta experiência.

Algumas considerações sobre a experiência

Através dos encontros virtuais pode-se perceber uma diversidade de famílias e com experiências diferentes, que são compartilhadas com todos e tornam enriquecedora as observações com os grupos (agricultores e co-agricultores). Percebe-se que os integrantes são pessoas preocupadas com o meio ambiente, qualidade do alimento que consomem, hábitos de consumo não só de alimentos mas de tudo que pode ser considerado bem de consumo (roupas, acessórios, carros, casas) e que começam a aprofundar suas reflexões sobre ações de consumo que possam impactar no meio ambiente e nas relações sociais. Nota-se que há uma variedade étnica, intelectual com formações em áreas diferentes (multidisciplinar), social, e que mesmo com essa variedade há muito respeito, compaixão e empatia com o próximo e a sua realidade. Um relato muito frequente de todos os integrantes é quando falam sobre a sua trajetória até chegar ao encontro com a CSA, onde costumam dizer que “nada é por acaso”, e as histórias são inúmeras para a trajetória até o grupo CSA *FlorESer/Guandú*.

Por motivações que ainda estão sendo percebidas pelo grupo, existe bastante fluxo de saída de co-agricultores. Há relatos sobre a saída de famílias de co-agricultores. Uma situação em específico foi a de uma família com 3 integrantes apenas, onde apresentam rotinas agitadas e acabam não conseguindo preparar todos os alimentos que são organizados e entregues pelos agricultores todo o sábado. Sendo essa situação recorrente o grupo está pensando em possibilidades de diversificação de alimentos, através de trocas com outros grupos que sejam externos a CSA, outra alternativa possível é organizar “meia-cota”/ “meia-cesta” com valores diferenciados por categoria, adaptando ao número de integrantes da família e a rotina alimentar dos mesmos. A garantia de um pagamento fixo ao mês, possibilita os grupos fazerem estes investimentos sem solicitar empréstimos bancários, e gera oportunidade aos agricultores para manter suas produções podendo muitas vezes diversificar o plantio de alimentos (policultura). Com o subsídio dos co-agricultores já foi possível aos

agricultores fazerem investimentos em um freezer para estocar mandioca congelada e um equipamento para facilitar o manejo do solo e plantio de sementes.

Como os grupos produtores são de regiões diferentes e produzem variedades diferentes de alimentos, os agricultores a partir do levantamento com as famílias rurais que fazem parte do grupo estabelecem o que irão enviar para compor a cesta da semana. Algumas vezes, em função de condições climáticas adversas ou quantidade insuficiente de alimento pra suprir a demanda do grupo na semana, acontece troca de alimento com outros grupos de produtores orgânicos/agroecológicos, uma prática que foi pauta de reunião e estando todos de acordo foi acontecendo em alguns períodos específicos.

Esta experiência é alvo do estudo de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). que pretende por meio de entrevistas entender o que motiva cada sujeito que compõe a CSA, observar a partir das percepções de agricultores e co-agricultores o que estão vivenciando dentro do grupo e o reflexo nas suas vidas. Por fim, este trabalho objetiva estimular a formação de novas redes de comercialização e consumo e contribuir com a agroecologia nos aspectos sociais, ambientais e econômicos

Referências bibliográficas

CENSO AGROPECUÁRIO. **Censo Agro 2017: população ocupada nos estabelecimentos agropecuários cai 8,8% | Agência de Notícias | IBGE**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25789-censo-agro-2017-populacao-ocupada-nos-estabelecimentos-agropecuarios-cai-8-8>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

COHEN, N. Agricultura suburbana: um modelo inovador de agricultura cidadã. p. 123–127, 2007.

RIBEIRO, M. A. DA S. Capítulo 25- Comunidades que sustentam a agricultura (CSA) como estratégia de comercialização e financiamento para a agricultura familiar no município de Botucatu-SP. p. 213–220, 2016.

BITTENCOURT, D. M. DE C. Estratégias para a Agricultura Familiar. Visão de futuro rumo à inovação. **Texto para discussão 49**, p. 25–34, 2020.

CSA BRASIL. **CSA BRASIL | Comunidade que Sustenta a Agricultura**. Disponível em: <<http://www.csabrasil.org/csa/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

MELO, A. M.; FREITAS, A. F. DE; CALBINO, D. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. **COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 2, p. 82–99, 2020.

ONU. **Agricultura familiar produz mais de um terço dos alimentos no mundo | ONU News**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/04/1748622>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SCHNEIDER, S. Mercados e agricultura familiar. **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**, n. October, p. 93–140, 2016.